A PEDAGOGIA DA MISSÃO
Uma reflexão a partir de Marcos

João Luiz Correia Júnior

Introdução

Por "pedagogia" entendemos o processo de formação que permite à pessoa crescer em consciência, conquistando cada vez mais autonomia e liberdade.

Jesus, em sua missão, agiu pedagogicamente, ao iniciar um movimento que há dois mil anos tem sido a referência para a caminhada dos seus discípulos e discípulas.

Que elementos pedagógicos podemos encontrar na prática de Jesus, que nos orientem nesse caminho missionário?

Buscaremos inspiração no Evangelho de Marcos, considerado o Evangelho mais antigo não necessariamente pela edição, mas pelo material recolhido dos ditos e ações de Jesus que ali aparecem em sua forma mais antiga.

Logo de início, dois elementos precisam ser lembrados. Primeiro, que o evangelista Marcos, ao apresentar Jesus à sua comunidade, o faz com intenções pedagógicas, a partir dos desafios do seu tempo. Segundo, que a própria ação missionária de Jesus tinha interesses pedagógicos junto aos seus discípulos e discípulas.

Não é o caso de aprofundar aqui cada um desses elementos, mas de procurar levantar alguns traços fundamentais da pedagogia de Jesus, nas entrelinhas do Evangelho de Marcos e de sua estrutura literária.

1. A pedagogia da encarnação

Em Jesus, Deus se faz presente no aqui e agora da realidade histórica.

No texto de Marcos, o *Evangelho* (do grego *euangelion*, "boa notícia") marca o início de um novo tempo, inaugurado com Jesus Cristo, Filho de Deus (1,1). O Evangelho é a presença do Cristo na história. Essa presença viva de Deus na história, aparece de forma bem clara logo no primeiro capítulo de Marcos. Vejamos alguns elementos importantes.

Marcos insere essa Boa-Nova na tradição cultural do povo de Israel, ao lembrar que, na tradição profética, *o mensageiro de Deus* iria preparar o caminho do "*mais forte*", que "*batizará com o Espírito Santo*" (1,7-8).

Este que vem com poder, segundo Marcos, já chegou (1,9-11). Ele é "Jesus, que veio de Nazaré da Galiléia e foi batizado por João no rio Jordão". Os céus dão testemunho de sua presença na terra: ao ser batizado, "logo ao subir da água, ele viu os céus se rasgando e o Espírito, como uma pomba, descer até ele, e uma voz veio dos céus: 'Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo'".

Jesus, impelido para o deserto, é "tentado por Satanás; e vivia entre as feras, e os anjos o serviam" (1,12-13). A tentação é um combate travado durante toda a estada no deserto (quarenta dias), ao passo que em Mateus e Lucas a tentação se dá ao término desta estada (cf. Mt 4,2: "Depois de ter jejuado quarenta dias e quarenta noites, acabou sentindo fome. O tentador aproxima-se ...").

A missão de Jesus, portanto, é marcada pelo sofrimento: atrai as tentações de Satanás. Mas a alusão à convivência pacífica com as feras e o serviço dos anjos evoca o início de um novo tempo. Segundo o poema messiânico de Is 11,1-9, esse tempo messiânico será marcado pela justiça, reflexo terreno da santidade de Deus (v. 3-5), e restabelecerá a paz do paraíso (v. 6-8), fruto do conhecimento de Deus (v. 9).

A ação de Deus na história concretiza-se ao fazer-se corpo na pessoa de Jesus. Sua ação missionária é contextualizada num tempo de crise, "depois que João foi preso", e numa região bastante sofrida da periferia do Império Romano, a Galiléia (1,14).

A Galiléia estava localizada ao norte da Palestina. Era atravessada por grandes rotas de caravanas que se dirigiam de Damasco para o Sul (Egito e Arábia). Foi afamada pela variedade, fertilidade e beleza de seu território. A região favorecia a criação de rebanhos, e os vales regados por riachos rendiam colheitas abundantes de grãos, uvas, figos, olivas, enfim, toda espécie de frutas e legumes de um clima subtropical. A terra estava concentrada nas mãos de grandes proprietários.

Por Palestina entendemos toda a região compreendida pelas províncias da Judéia, Samaria e Galiléia. Foi conquistada para os romanos por Pompeu, em 63 aC, e incorporada à província da Síria. Herodes o Grande, que governou a Palestina no período de 37 a 4 aC, graças a seu empenho em conquistar a confiança das autoridades romanas, conseguiu ser reconhecido pelo senado romano como rei, com certa autonomia, passando a defender os interesses do Império Romano na região. Herodes é conhecido como o grande construtor de estradas, canais de irrigação, cidades, palácios, mas foi um rei cruel e tirano. O povo pagava tudo isso por meio de pesados impostos, parte dos quais era enviada regularmente a Roma, sob a forma de tributos. Havia um crescente empobrecimento, o que acarretava muitas tensões e conflitos. Herodes perseguia, torturava e matava todos os que lhe ofereciam algum tipo de resistência.

Com a morte de Herodes, o Grande, os romanos jamais encontraram uma liderança judaica confiável. Impuseram governadores com fortes poderes repressivos,

dividindo a região em quatro partes (tetrarquias): a Galiléia e a Peréia foram entregues a Herodes Antipas, que governou de 4 aC a 39 dC. A Judéia e a Samaria foram entregues a Arquelau, que governou de 4 aC a 6 dC. Foi destituído por não conseguir resolver problemas internos. A região é dirigida por procuradores romanos.

Na época em que Jesus inicia sua atividade missionária, o governo da Galiléia e da Peréia estava nas mãos de Herodes Antipas. Crescia a corrupção e a exploração do povo, cuja situação só tendia a piorar. Toda essa experiência negativa fez recrudescer no seio popular a esperança messiânica, esperança de um messias que devia vir para libertar seu povo da violência e da opressão.

Na estruturação do Evangelho de Marcos, a Galiléia tem todo um simbolismo. Na *primeira parte* (1,14–8,26), encontramos Jesus em plena atividade na *Galiléia*. Na *segunda parte* (8,22–16,8), a trama se passa dentro de uma viagem, no *caminho* da Galiléia a Jerusalém. Em 16,7, a narrativa indica de novo a Galiléia, o que leva diretamente ao começo, dando ao texto um caráter circular, funcionando para "reabrir" a narrativa do discipulado, que fora "encerrada" no clímax trágico da segunda parte do livro. Tal percurso pode ser uma indicação da necessidade de se ir aos gentios, assim como Jesus o formulou expressamente: "É necessário que primeiro o Evangelho seja pregado a todas as nações" (13,10).

Desse modo, a boa notícia proclamada por Jesus de que chegou a plenitude dos tempos, e de que o Reino de Deus "está próximo" (1,15), ressoa muito forte na comunidade dos discípulos e discípulas, cuja missão é um grande desafio: proclamar o Evangelho a todas a nações (Mc 13,10; 14,9).

Marcos parece, portanto, querer lembrar às pessoas que lêem o seu Evangelho que a presença de Deus tem que ser corporificada, contextualizada no bojo da crise. Não há outro lugar para fazer irromper o "novo tempo", senão no tempo presente. Pedagogicamente, essa é uma importante lembrança para os discípulos e discípulas que, qual Pedro na cena da transfiguração (9,2-8), teimam em fugir da crise e ficar a sós com Jesus, longe da vida.

2. A pedagogia da inserção

Esse é um outro dado importante da pedagogia missionária.

Jesus se faz corpo com o seu povo. Além de inserir-se num contexto histórico e geográfico bem determinado, Jesus se fez próximo fisicamente, corporalmente, identificando-se com os anseios e esperanças do seu povo.

O Reino de Deus vai se concretizando na história graças aos encontros decisivos que fazem surgir relações cada vez mais profundas entre Jesus e o seu povo.

A maior parte do povo da Galiléia vive uma dura dependência econômica. Os anseios de independência eram mais fortes nessa região do que em outras partes da Palestina. Era conhecida a valentia e o caráter combativo dos habitantes da Galiléia.

É provável que tal inconformismo e combatividade tenham sido uma decorrência da grande concentração de terras nas mãos de poucos.

Jesus pertencia a esse povo. Foi caminhando junto ao mar da Galiléia, na convivência com os trabalhadores da região, que Jesus foi formando o seu grupo (1,16-20).

Desde o início do Evangelho de Marcos, ele é apresentado em plena convivência com o povo da Galiléia, sobretudo com os desprestigiados, tais como prostitutas e pecadores (Mc 2,15); leprosos e possessos (Mc 1,25-26); mulheres, crianças e doentes (Mc 1,32); cobradores de impostos (2,14-17). Ele dá seqüência a essa missão, e aprofunda-a gradativamente ao restaurar a vida de pessoas que surgem do meio das multidões desamparadas da Galiléia.

Para com esse povo mantinha profunda solidariedade e compaixão. Isso fica bastante claro em Mc 6,34: "Assim que desembarcou, viu uma grande multidão e *ficou tomado de compaixão* por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor. E começou a ensinar-lhes muitas coisas".

As ações de Jesus estavam repletas de gestos concretos que demonstravam uma profunda *compaixão*, algo tão profundo que só podia vir de Deus: "...viu uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles" (Mc 6,34); teve compaixão de um leproso (Mc 1,41), do cego Bartimeu que gritava: "Filho de Davi, tem compaixão de mim" (Mc 10,48), e daqueles que não tinham o que comer (Mc 8,2 par.).

Em toda parte no Evangelho de Marcos, mesmo quando a palavra não é empregada, podemos sentir o movimento de compaixão. Muitas e muitas vezes diz às pessoas: "Não chore", "Não se preocupe", "Não tenha medo" (por ex. Mc 4,40; 5,36; 6,50). Ele não se comovia com a grandeza das vastas construções do Templo de Jerusalém (Mc 13,1-2), mas sim com a pobre viúva que dava seu último centavo para o tesouro do Templo (Mc 12,41-44). Enquanto todos se agitavam com o "milagre" da filha de Jairo, ele se preocupava em pedir que dessem de comer à menina (Mc 5,42-43).

A palavra da língua portuguesa "compaixão" é fraca demais para exprimir o sentimento que movia Jesus. O verbo grego *splagchnizomai*, usado em todos esses textos acima citados, é derivado do substantivo *splagchnon*, que significa intestinos, vísceras, entranhas, ou coração, ou seja, as partes internas das quais parecem surgir as emoções fortes. O verbo grego, portanto, significa movimento ou impulso que brota das próprias entranhas da pessoa, uma reação das tripas. É por isso que os tradutores precisam lançar mão de expressões como "ele foi tomado de compaixão ou piedade", ou "ele sentiu piedade", ou "seu coração se comoveu com eles". Mas nem mesmo essas expressões conseguem captar o profundo sabor físico e emocional da palavra grega para compaixão.

A convivência cotidiana com as pessoas concretas causava tal sentimento em Jesus. A compaixão, portanto, é uma reação que nasce do mais profundo da dignidade humana, quando essa mesma dignidade é ameaçada, desrespeitada ou agredida de

alguma forma. É, portanto, algo divino, maravilhoso, que precisamos cultivar em nós, tal como Jesus o cultivou em si mesmo.

3. A pedagogia do aprender a aprender

Inserido no meio do povo, Jesus aprendeu a aprender desde cedo na Escola da Vida de sua comunidade (família, vizinhança, sinagoga). A vida se aprende no cotidiano, no aparentemente sem valor, sem nada de extraordinário. Foi nesse contexto que durante trinta anos ele aprendeu aquilo que ensinou ao povo durante os três anos de sua atividade missionária.

Mas é fundamental dizer que, mesmo durante sua missão, Jesus não parou de aprender. Estava em constante aprendizagem...

Um fato atesta nesta direção. Na conversa com uma mulher, e mulher não judia, pagã, estrangeira (siro-fenícia), deixa-se questionar profundamente por seus argumentos. Por isso reconhece a sua fé, atende o seu pedido e, conseqüentemente, percebe que a sua missão não se deve restringir apenas aos judeus (Mc 7,24-30).

Porque foi educado a aprender a aprender, sobretudo com os excluídos do seu tempo, Jesus foi capaz de perceber a mensagem do Espírito Santo de Deus pela boca de uma mulher, estrangeira e pagã.

A passagem procura ressaltar que Jesus, num primeiro momento, concentrou a sua atuação junto ao povo judeu. A missão entre os gentios nem ao menos era cogitada. Jesus, inclusive, se opõe claramente a tal perspectiva. O evangelista Marcos coloca tal narrativa no lugar adequado para introduzir uma viagem de Jesus à região pagã de Tiro. Talvez aí, por trás das palavras, esteja embutida uma preocupação das comunidades de Marcos em se abrir para o mundo não judaico; o diálogo com a siro-fenícia foi de suma importância para fundamentar tal missão.

Assim, percorrendo os caminhos da Galiléia e seus arredores (1ª parte do Evangelho de Marcos), bem como no caminho da Galiléia a Jerusalém (2ª parte do Evangelho), encontramos Jesus tirando proveito dos fatos que vão se sucedendo. A partir de tais fatos, pedagogicamente, vai direcionando sua missão e ensinamentos fundamentais para a vida pessoal e para a prática missionária dos seus discípulos e discípulas.

4. A pedagogia do poder da fé

Durante toda a sua ação missionária, Jesus valoriza sobremaneira o poder da fé.

Inserido no meio do povo, sentindo de perto os seus anseios mais profundos, Jesus foi percebendo que a solução dos seus problemas não está fora, mas no coração do próprio povo, em cada uma das pessoas que lutam pela sobrevivência na vida.

Os milagres narrados por Marcos testemunham o poder da fé como um modo capaz de realizar a salvação. O próprio Jesus confirma: "a tua fé te salvou". Essa frase foi dita, por exemplo, à mulher com fluxo de sangue (5,34) e ao cego de Jericó (10,52);

curado, ele se torna o símbolo do discípulo que aceita seguir Jesus no caminho da paixão. A mulher com fluxo de sangue, ao tocar em Jesus, recebe muito mais do que esperava: a saída do anonimato, a reinclusão na convivência social, o reconhecimento da fé e o acolhimento carinhoso no grupo dos que fazem parte da família de Jesus.

Além de pôr em relevo o testemunho da fé naqueles que realmente necessitam de mudanças radicais em suas vidas, os relatos de milagre põem a descoberto a descrença de quem deveria ter fé. De fato, os discípulos e discípulas de Jesus são constantemente censurados pela falta de fé.

Por exemplo, após a cura do surdo e gago (Mc 7,31-37) e da segunda multiplicação dos pães (8,1-11), os discípulos são censurados por "não verem" e "não entenderem" (8,17-18), o que é um modo de dizer que eles "não compreendem nada". Depois do primeiro milagre dos pães, Marcos já dizia que "seus corações estavam endurecidos" (6,52). Esta expressão hebraica significa: "estão em condições tais que não podem compreender, são resistentes à compreensão da vontade divina". O mesmo termo se encontra no ensinamento sobre a indissolubilidade do casamento (10,5): foi "por causa da dureza de seus corações" que Moisés lhes permitiu repudiar suas esposas. Em 7,18, a expressão um pouco diferente "nem vós tendes inteligência?" tem o mesmo sentido.

Na linguagem bíblica, os olhos, os ouvidos e o coração andam juntos. Os olhos permitem ver o acontecimento, os ouvidos ouvem a palavra que é pronunciada sobre o acontecimento, e o coração permite entender a vontade de Deus.

Os discípulos e discípulas são, pois, acusados de não entenderem. Parece que se tornaram como "os de fora", que ouvem as parábolas, sem entendê-las (4,11-12). Mas, enquanto os censura, Jesus cura um surdo e gago, o que se torna sinal da cura dos discípulos. Realmente, eles se tornam capazes de dizer: "Tu és o Messias / o Cristo" (8,29).

Mas a cura deles não foi total, uma vez que vão mostrar-se tão fechados quanto antes, no momento em que Jesus lhes ensinar sobre "o caminho do Filho do Homem". Pedro recriminou Jesus quando (em 8,32) o ouviu dizer que o Filho do Homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos escribas (os que compunham o Sinédrio, poder judaico em Jerusalém, subservientes ao poder romano).

Jesus encontra seus ouvidos tapados e seus olhos fechados, e a dificuldade na cura de um surdo e de um cego ilustra a dificuldade para curar o coração dos discípulos. Dessa forma vemos como Marcos usa materiais tradicionais (sobre as práticas dos taumaturgos) num sentido totalmente novo, graças ao simbolismo.

Há nisso uma progressão notável, a partir do texto de Isaías (35,3-6), no qual o abrir os ouvidos e os olhos era entendido metaforicamente como um símbolo da restauração messiânica. Depois, os cristãos o entenderam no sentido próprio, vendo nas curas físicas, realizadas por Jesus, o cumprimento dessas promessas. Finalmente, Marcos reencontrou o sentido simbólico de Isaías, fazendo dos milagres os sinais de cura interior.

Após a segunda multiplicação de pães, Jesus diz aos discípulos(as): "Não vos lembrais, quando parti os cinco pães para cinco mil homens, quantos cestos cheios de pedaços recolhestes? E dos sete pães para quatro mil...?" (8,18-20). Estas palavras supõem dois acontecimentos. Marcos, porém, insiste não no fato de ter havido dois milagres, mas no fato de que, apesar de ter havido dois, os discípulos(as) *não compreenderam*. O efeito da duplicação serve aqui para mostrar a incompreensão.

Reencontramos aqui o interesse de Marcos pela formação dos seus seguidores(as) mais íntimos. Jesus lhes ensina a abrir seus horizontes. Mostra-lhes que têm à sua disposição tudo o que é necessário para alimentar a multidão e que não têm o direito de limitar-se a um setor particular. Devem ir também aos pagãos (na segunda multiplicação de pães, estavam no território de Tiro, cf. 7,24).

5. A pedagogia do ensino com autoridade

Embora raramente encontremos em Marcos o conteúdo do ensinamento de Jesus, o fato de ele ensinar é freqüentemente lembrado, como também a forte impressão produzida nos seus auditórios (1,22.27; 6,2; 10,26; 11,18).

Em Mc 1,22, a autoridade de Jesus é contraposta à autoridade dos escribas, intérpretes oficiais da Lei e especialistas nas Sagradas Escrituras. Eles se entrincheiravam por trás da autoridade dos textos ou da tradição. Jesus manifesta a autoridade que vem de Deus (1,27; 2,10; 11,28-33; cf. 13,34).

Jesus ensina com a autoridade de quem consegue ter uma profunda coerência entre palavras e ações. Desse modo, em Mc 1,21-31, encontramos uma bela síntese narrativa da atividade missionária de Jesus, tanto no ambiente religioso (sinagoga), como no ambiente familiar (casa de Simão Pedro e de André). O que todos consideram como "novo ensinamento com autoridade" (1,28) está na bela unidade formada pelas palavras e atos de Jesus: há uma profunda coerência entre o que Ele diz e o que Ele faz. Aquilo que Jesus ensina tem repercussões concretas e imediatas no equilíbrio da pessoa humana como um todo.

Assim, Jesus se revela não só como o "mais forte", que vence o poder adversário ("espírito impuro" que possui um homem; "febre" que põe de cama a sogra de Simão Pedro), mas como a autoridade por excelência, cuja palavra eficaz manifesta o poder regenerador do Espírito de Deus.

O Evangelho é um *poder* de ação contra o reino do mal. O espírito impuro em Mc 1,24 reconhece em Jesus um forte adversário: "Que queres de nós, Jesus Nazareno? Vieste para arruinar-nos?" Há algo nessa concepção dramática da missão que não podemos desprezar. O missionário é alguém que parte para combater contra adversários, na certeza de que haverá oposição. Esta não vem só das pessoas que não aceitam porque não entendem. Há talvez, nas resistências ao Evangelho, uma força de oposição mais profunda, mais difícil de perceber, que chamaríamos hoje de "pecado do mundo" ou "pecado social". Muitas vezes aquele que se recusa a crer age assim em nome de

certa mentalidade pecaminosa; assim, desse "pecado do mundo", desse poder satânico, nós também participamos, direta ou indiretamente. A palavra "satanás" vem do hebraico *satan*, "o adversário"; o termo "diabo" vem do grego *diábolos* e significa "o caluniador".

Os discípulos e discípulas de Jesus fazem exatamente o que viram Jesus fazer. Estão presentes os dois aspectos da atividade em favor do Evangelho (6,12-13):

a) Eles proclamam a mesma mensagem: pregam que é necessário converter-se, assim como Jesus o dizia em Mc 1,14-15;

b) Eles realizam os mesmos sinais: expulsam demônios e curam doentes, como Jesus o fazia. Essa prática não é destituída de interesse: ela mostra que se tinha conservado o sentimento de que o Evangelho pregado em nome de Cristo, era atestado por sinais.

Não existia uma pregação dirigida só ao espírito, à inteligência, ao lado da qual os sinais fossem algo diferente baixado no terreno das doenças, isto é, no terreno de todos esses inconvenientes que acompanham a vida humana. Não! Eles eram sinais de libertação.

6. A pedagogia do segredo messiânico

Ao agir com tamanha autoridade, Jesus deu início a um processo pelo qual se tornou um conhecido personagem público. Suscitou o interesse do povo, ao ponto de chamar a atenção dos detentores da responsabilidade religiosa e das autoridades políticas. "O rei Herodes ouviu falar de Jesus, porque o seu nome se tinha tornado famoso" (Mc 6,14).

No tempo de Jesus, como vimos antes, a maior parte da população vivia em condições miseráveis, sem nenhuma perspectiva de uma vida melhor. Nessa situação de extrema crise e desespero, o povo espera ansiosamente por um "Messias".

O pano de fundo histórico dessa febre messiânica, que contagiava e movimentava o povo de Israel no tempo de Jesus, foi formado pelo fracasso do movimento dos macabeus e pela ascensão do poder romano. Depois de sofrer tanto sob as três dominações estrangeiras (babilônica, persa e grega), o povo depositou uma grande esperança nas mãos dos macabeus (segundo séc. aC). Esperavam que eles fossem os líderes verdadeiros que iriam libertar o povo do jugo opressor. Mas fracassaram! O movimento dos macabeus desembocou na formação da monarquia que oprimia tanto quanto os gregos. Preocupavam-se apenas com a segurança da sua dinastia. A velha história se repete! A frustração aumentou com a chegada dos romanos (ano 63 aC). O povo se submeteu impotente às ordens humilhantes de mais uma potência estrangeira que chegou para devastar sua pátria. E mais, os romanos nomearam um estrangeiro para reger a Palestina: um idumeu, Herodes, cujo reinado é marcado pela brutalidade e tirania, espalhando o ódio e o desespero no meio do povo.

É nesse quadro que renasce e cresce uma grande esperança messiânica nacionalista: um ungido (Cristo, do grego Χριστος = Ungido) que vem estabelecer o reino definitivo do Deus de Israel, derrotando os romanos e expulsando as nações pagãs, acabando com a desgraça, a violência e a exploração para restaurar a paz e a prosperidade para o povo de Israel!

Em meio a essa expectativa messiânica, Jesus de Nazaré aparece diante do povo com fama de ser um homem poderoso e milagreiro. No começo do ministério de Jesus, na Galiléia, multidões o seguiram. Depois, a coisa foi esfriando... Isso se deu em virtude do rumo que Jesus foi dando ao seu ministério.

No Evangelho de Marcos, percebemos que Jesus não quis ser *um Messias nacionalista* e vitorioso, não assumiu a linha do messianismo davídico, do qual se esperava a restauração da realeza de Israel. Jesus não quis resolver os problemas da nação de cima para baixo, alimentando o comodismo das pessoas, mas assumiu ser o *Filho do Homem*, promovendo um messianismo solidário com o sofrimento humano (que caminha conosco, ao lado dos que sofrem, movido por profunda compaixão, ensinando, com gestos concretos e palavras sábias tiradas da vida, a encontrarmos uma saída para os nossos problemas).

Jesus não quis ser um Messias triunfante. Eis algumas práticas messiânicas de Jesus que se distinguem da imagem oficial do Messias daquele tempo:

1. Jesus anuncia a Boa-Nova, primeiramente, aos pobres da Galiléia (Mc 1,14). Esta região não é, para a elite judaica, o lugar apropriado para a aparição do Messias: "De Nazaré pode sair algo de bom?" (Jo 1,46).

2. Jesus critica a lei da pureza: Jesus vive no meio dos marginalizados, toca o leproso (Mc 1,41), come com os pecadores (Mc 2,15), acolhe a mulher impura (Mc 5,25-34). O que ele está propondo é reincorporar os marginalizados na vida social ao invés de excluí-los pela Lei discriminatória. Devolve a eles a alegria de viver como gente! Esta atitude de Jesus desafia a imagem do Messias como mestre e guardião da Lei oficial, por quem os fariseus e os essênios esperavam (Mc 7,1-7).

3. Jesus não manda nem domina as pessoas, mas veio para servi-las (Mc 10,45). Esta prática não segue a regra do Rei-Messias vitorioso, que implanta o reinado de Deus mediante a violência e o domínio. A prática da libertação não se baseia no poder, mas no serviço. Quem usa o poder para libertar o povo corre o risco de subjugá-lo com o mesmo poder (cf. Mc 9,33-37; 10,42-45).

4. Jesus acolhe os estrangeiros (Mc 7,24-30). Esta ação libertadora não coincide com o messianismo nacionalista que os judeus têm como idéia: o Messias não vem para salvar só os judeus, os filhos escolhidos de Deus, nem para dominar os outros povos (Mc 12,35-37).

5. Jesus desafia as autoridades judaicas (os sacerdotes e os saduceus) estabelecidas no Templo: "Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos! Vós,

porém, fizestes dela um covil de ladrões!" (Mc 11,17). Esta é a causa principal da ira das autoridades e dos trabalhadores do Templo, considerado por muitos como o local onde o Messias se revela e começa a sua conquista triunfante (Lc 4,9).

Assim, a imagem do Messias que nasce da prática de Jesus é exatamente o contrário da imagem apresentada pelas ideologias messiânicas predominantes naquele tempo.

Talvez por isso, inúmeras vezes, Jesus impõe silêncio sobre a sua messianidade, não permitindo que as pessoas mencionem seus títulos. É o chamado "segredo messiânico", por meio do qual, antes de tudo, Jesus desfaz um equívoco, um engano: a pretensão do povo em transformá-lo num Messias poderoso e triunfante. Foi exatamente esta pretensão que penetrou e dominou a comunidade de Marcos. Eles olhavam o céu, esperando e pedindo que Jesus interviesse logo no mundo para estabelecer seu reino glorioso e definitivo. Marcos adverte contra esta concepção messiânica triunfalista.

Desta maneira ele começa a orientar a comunidade para o verdadeiro messianismo de Jesus e seu destino na segunda parte do seu Evangelho. De fato, essa orientação aparece claramente a partir de Mc 8,27 no episódio da profissão de fé de Pedro: "E vós, perguntou ele, quem dizeis que eu sou? Pedro respondeu: 'Tu és o Cristo'. Então proibiu-os severamente de falar a alguém a seu respeito. E começou a ensinar-lhes: 'O Filho do Homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos escribas, ser morto e, depois de três dias, ressuscitar'. Dizia isso abertamente" (Mc 8,29-32a).

> A imagem do "Filho do Homem" aparece numa das visões do profeta Daniel (7,3-8.13-14). Na primeira parte da visão (7,3-8), o profeta descreve a chegada de quatro animais monstruosos (leão com asas de águia, urso com três costelas entre os dentes, onça com quatro cabeças, e uma fera medonha e terrível). Representam os impérios dos babilônios, dos medos, dos persas e dos gregos, impérios animalescos, brutais, desumanos, que perseguem e matam. Depois desses reinos anti-humanos que surgem do mar, o profeta vê chegar do céu, sobre as nuvens, "um Filho de Homem". É a chegada definitiva do Reino de Deus. Trata-se de um reino humano, que promove a vida. Eis o texto: "Em imagens noturnas, tive esta visão: entre as nuvens do céu vinha alguém como um Filho de Homem. Chegou até perto do Ancião e foi levado à sua presença. Foi-lhe dado poder, glória e reino, e todos os povos, nações e línguas o serviram. O seu poder é um poder eterno, que nunca lhe será tirado. E o seu reino é tal que jamais será destruído" (Dn 7,13-14). Portanto, a missão que o Filho do Homem recebe é a missão de todo o Povo de Deus. E consiste em realizar o Reino de Deus, que é um reino humano, reino que não persegue a vida, mas que a promove.

A partir do episódio da profissão de Pedro, que abre a segunda parte do Evangelho de Marcos, Jesus começa a falar abertamente da sua missão e de seu destino. Ele insiste no messianismo do Servo Sofredor de Javé, anunciado pelo profeta Isaías (Is 53,1-13). Sua missão consiste em passar pela paixão-morte-ressurreição (Mc 9,2-13; 9,31-35; 10,32-45).

É preciso, portanto, assumir a pedagogia do segredo messiânico, para entender o messianismo do Filho do Homem, a pedagogia do Servo Sofredor e, conseqüentemente, a pedagogia da cruz.

7. A pedagogia da oração

A oração é o meio pelo qual se busca fortalecer e manter a fidelidade ao projeto do Reino de Deus. Numa relação de amor, a fidelidade é fruto de uma contínua valorização da relação de intimidade. Na mística cristã, a intimidade com Deus é fundamental para o discernimento do que se deve fazer na vida.

Na caminhada missionária, o rumo que se deve tomar não é coisa que se impõe por decreto, mas algo que se descobre, como fruto de busca. A *oração* é o meio pelo qual o ser humano se abre para Deus, buscando reencontrar o rumo da caminhada. Por isso faz parte da pedagogia de Jesus.

No Evangelho de Marcos, dois espaços aparentemente opostos marcam toda a atividade missionária de Jesus: o público e o privado. No espaço público, encontramos Jesus em contato com muitas pessoas, inclusive rodeado por multidões. No espaço privado, Jesus está com o seu pequeno grupo de discípulos e discípulas, representados pelo simbolismo do número "doze" (cf. 3,13); está com os mais íntimos desses discípulos, os "três": Pedro, Tiago e João (cf. 9,2); e, muitas vezes, está em profunda intimidade com o Pai (cf. 14,35-36). É nesse espaço privado que Jesus encontra "distância crítica" para: a) repensar a atividade missionária; b) restaurar as energias em sintonia com a energia (*dynamis*) de Deus; c) buscar inspiração para os novos rumos que deve dar à missão.

Como se percebe, no que se refere à prática missionária, o público e o privado não são espaços opostos, mas essencialmente dialéticos. No espaço privado é onde se restauram as energias físicas e psíquicas para o esforço missionário. É o espaço da convivência e da intimidade com os amigos e com Deus.

Talvez para enfatizar a importância da oração na missão, o evangelista Marcos narra que, após o primeiro dia de atividade missionária, Jesus acorda de madrugada, ainda escuro, e se dirige para um lugar deserto, "e ali orava" (1,35).

Jesus vivia em contato permanente com o Pai (*Abba*, "papai", modo de se dirigir a Deus que revela uma relação de profunda intimidade familiar), não só para saber o que o Pai queria dele (14,36), mas para manter-se fortalecido pelo poder de Deus, a fim de passar tal poder no transcurso de sua atividade missionária (5,29-30).

Jesus orava muito e insistia para que o povo e seus discípulos também orassem: "Vigiai e orai para que não entreis em tentação: pois o espírito está pronto, mas a carne é fraca" (14,38). Para ele, a oração parece ser o meio pelo qual o discipulado se mantém firme na missão, não cedendo ao cansaço da caminhada.

A prática pedagógica da oração nos mantém re-ligados a Deus, isto é, ao seu poder, à sua força, à sua energia revitalizadora e profundamente libertadora. Por isso Jesus ora sempre, não só nos momentos difíceis e decisivos de sua vida.

Conclusão

A pedagogia da missão de Jesus está baseada no *amor apaixonado pela vida e pelas pessoas,* expressão concreta de sua relação de amor e intimidade com o Deus da Vida, *Abba,* "Pai de Amor e Misericórdia".

Nas relações humanas, tal pedagogia do amor é fundamental para fazer irromper o Reino de Deus em pleno reino deste mundo, minado pelo ódio, inveja, cobiça, competição, acumulação, miséria, morticínio, genocídio, guerras...

Parece não haver outra forma de construir o Reino de Deus, sem passar pela via do amor. Daí a insistência pedagógica de Jesus no perdão (Mc 11,25), no amor solidário para com as multidões desamparadas (6,34), na necessidade de fazer-se próximo das pessoas para atendê-las em suas necessidades imediatas (todos os relatos de cura atestam nessa direção), na solidariedade que se expressa concretamente na partilha dos bens, onde todos têm ocasião de colaborar (esta é a pedagogia contida na narrativa da multiplicação dos pães, cf. 6,34-44), na valorização das pessoas menos acreditadas (Jesus está constantemente rodeado por multidões de excluídos e, desse meio, escolhe os discípulos e discípulas mais íntimos).

Tal pedagogia do amor, quando assumida corajosamente, é revolucionária! Subverte a velha ordem, tão enraizada na sociedade por meio de estruturas cada vez mais excludentes e desumanas. Transforma tudo, altera tudo, cria realmente novas relações em que direitos e deveres são assumidos e respeitados. Tal pedagogia do amor garante a liberdade solidária, a liberdade participativa e democrática na pólis (na cidade), o que lhe dá uma configuração de atitude genuinamente política, pois contribui decisivamente na construção da cidadania.

É interessante, portanto, aprender da pedagogia missionária de Jesus.

Bibliografia

CALLE, Francisco de la. *Teología de Marcos.* In: *Teología de los evangelios de Jesús.* Salamanca: Sígueme.

FABRIS, Rinaldo. *Jesus de Nazaré: história e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1988.

FABRIS, Rinaldo. *O Evangelho de Marcos*. In: *Os Evangelhos* (I). São Paulo: Loyola, 1990.

FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.

GNILKA, Joachim. *El evangelio según San Marcos – v. 1*. Salamanca: Sígueme, 1992.

GNILKA, Joachim. *El Evangelio según San Marcos – v. 2*. Salamanca: Sígueme, 1981.

JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1980.

KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento.* São Paulo: Paulinas, 1982.

LEIPOLD, J. -GRUNDMANN, W. *El mundo del Nuevo Testamento*. Madrid: Cristiandad, 1973.

LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). *Vocabulário de teologia bíblica.* Petrópolis: Vozes, 1972.

MARXSEN, Willi. *El evangelista Marcos: estudio sobre la historia de la redacción del evangelio*. Salamanca: Sígueme, 1981.

MATEOS, Juan/CAMACHO, Fernando. *Evangelho, Figuras & Símbolos*. São Paulo: Paulinas, 1991.

MESTERS, Carlos. *Círculos Bíblicos: Fraternidade e educação a serviço da vida e da esperança*. São Paulo: Paulus, 1997.

MESTERS, Carlos. *Com Jesus na Contramão*. São Paulo: Paulinas, 1995.

MONEY, Netta Kemp. *Geografia Histórica do Mundo Bíblico*. Miami: Vida, 1981.

MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

NOLAN, Albert. *Jesus antes do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1988.

PIKAZA, Xabier. *A figura de Jesus: profeta, taumaturgo, rabino, messias*. Petrópolis: Vozes, 1995.

RONIS, Osvaldo. *Geografia Bíblica*. Rio de Janeiro: Juerp, 1985.

SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesús: la historia de un viviente*. Madrid: Cristiandad, 1983.

SESBOÜÉ, Bernard. *Pedagogia do Cristo: elementos de cristologia fundamental*. São Paulo: Paulinas, 1997.

TAYLOR, Vincent. *The Gospel according to St. Mark*. Londres: Macmillan & Co Ltd., 1957.

WENZEL, João Inácio. *Pedagogia de Jesus segundo Marcos*. São Paulo: Loyola, 1997.

João Luiz Correia Júnior
Rua Emiliano Braga, 192, ap. 404 – C
Brasilit
50740-120 Recife, PE
E-mail: joaoluizcorreia@uol.com.br